

Os *Sound Systems* e os jovens das periferias de São Paulo: afirmando identidades e ampliando circuitos

The Sound Systems and the young people from the peripheries of São Paulo: affirming identities and expanding circuits

Luiza Ribeiro da Silva¹, Carla Regina Silva Soares², Gabriela Pereira Vasters³,
Marta Carvalho de Almeida⁴

<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v32i1-3e204941>

Silva LR, Soares CRS, Vasters GP, Almeida MC. Os *Sound Systems* e os jovens das periferias de São Paulo: afirmando identidades e ampliando circuitos. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2021-2022 jan.-dez.;32(1-3):e204941.

RESUMO: *Introdução:* Coletivos juvenis de periferias urbanas têm se constituído em torno de linguagens artísticas diversas e adquirido importância central na mediação das juventudes com a sociedade. Alguns se reúnem em torno dos *Sound Systems* de música reggae, que com a ocupação sonora de espaços públicos com caixas de som empilhadas e discos de vinil criam eventos culturais de rua. *Objetivos:* Conhecer os *Sound Systems* como atividade cultural, bem como suas repercussões no cotidiano de jovens que participam de coletivos que os promovem. *Metodologia:* Observações em eventos de *Sound System* e entrevistas com seletores de coletivos, interpretadas por análise temática. *Resultados e discussão:* Os coletivos se organizam na conjunção entre sonoridade, celebração e difusão de valores ligados à cultura negra. Para os seletores, o *Sound System* deve oferecer oportunidades de aprendizagem sobre a opressão histórica dos povos negros, bem como de fortalecimento da identidade e cultura negra. O pertencimento social, a elevação da autoestima e as oportunidades de aprendizagem pessoal foram mudanças associadas por eles à participação na cultura *Sound System*. *Considerações finais:* Os coletivos buscam ativamente produzir pontes entre o universo reggae jamaicano e as realidades dos jovens negros das periferias pobres da cidade de São Paulo, investindo no resgate da história e dos poderes agregadores da memória, da sonoridade, e de símbolos e mensagens da cultura reggae.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; Identidade social; Participação social.

Silva LR, Soares CRS, Vasters GP, Almeida MC. The sound systems and the young people from the peripheries of São Paulo: affirming identities and expanding circuits. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2021-2022 Jan.-Dec.;32(1-3):e204941.

ABSTRACT: *Introduction:* Youth groups from urban peripheries have been constituted around diverse artistic languages and have acquired central importance in the mediation of youths with society. Some gather around the reggae music Sound Systems, which with the sound occupation of public spaces through stacked speakers and vinyl records create cultural street events. *Objectives:* To learn about the Sound Systems as a cultural activity as well as its repercussions on the daily lives of young people who participate in groups that promote them. *Methodology:* Observation in Sound System events and interviews with young people who work as selectors of these groups, interpreted by thematic analysis. *Results and discussion:* Sound System groups have been organized around the conjunction between sonority, celebration and dissemination of values linked to black culture. The selectors interviewed argue that the Sound System should provide opportunities to learn about the historical oppression of black people, as well as to strengthen of black identity and culture. Social belonging, increased self-esteem and opportunities for personal learning were changes they associated with participation in the Sound System culture. *Final considerations:* The groups actively seek to build bridges between the Jamaican reggae universe and the realities experienced by young black people from the disadvantaged peripheral areas of São Paulo city, investing in the rescue of history and the aggregating powers of memory, sound, symbols and messages from reggae culture.

KEYWORDS: Youth; Social identity; Social participation.

1. Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Departamento de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Programa de Pós-Graduação Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social. <https://orcid.org/0000-0003-2686-0650>. Email: luh_rribeiro@hotmail.com.
2. Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Departamento de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. <https://orcid.org/0000-0003-4746-0816>. Email: carla-soares@usp.br.
3. Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista. Departamento de Saúde, Educação e Sociedade. <https://orcid.org/0000-0003-2077-5834>. Email: gvasters@unifesp.br.
4. Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Departamento de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. <https://orcid.org/0000-0003-4061-7112>. Email: mcarme@usp.br.

Endereço para correspondência: Luiza R da Silva. Rua Durval Clemente, 409. Bairro Jd. São Paulo. São Paulo, SP. CEP: 02040-000

INTRODUÇÃO

A prática de uma terapia ocupacional que se distancia claramente da vertente normalizadora, se expressando nos campos da saúde, da educação, da cultura e da assistência social, tem se orientado por leituras sobre as juventudes por meio das quais se revelam suas potências e as interpretações que privilegiam conexões entre as dimensões individuais e coletivas de suas ações¹⁻⁵. Assim, apoia-se na percepção de que, diferentemente da exclusiva valorização de formas já conhecidas e praticadas de participação social e política, deve-se reconhecer que as juventudes inovam nessa esfera, sendo protagonistas em processos de engajamento social que reúnem reflexão, criatividade, produção cultural, contestação e mudanças nos imaginários sociais sobre temas que lhes são caros. Não apenas assimilam, mas criam e recriam, portanto, significados coletivos, construindo universos simbólicos e estéticos⁶. Ou, ainda, “reinventam a resistência”, conforme discutiu Freire Filho⁷, ainda que alertando para os impasses teóricos sobre o conceito de resistência e o excessivo otimismo que pode gerar, ao revestir os jovens do papel de principais artifices das transformações sociais.

Dessa perspectiva, grupos e coletivos juvenis que se compõem em torno de linguagens artísticas diversas têm tido importância central na mediação das juventudes com a sociedade, frente à insuficiência de canais de escuta de suas realidades, à persistência de injustiças sociais que os acometem e à escassez de políticas de proteção que os tomem como sujeitos sociais, representando-se a si mesmos⁸. Protagonizados por jovens moradores das periferias pobres dos grandes centros urbanos, vários coletivos juvenis têm produzido formas de se manifestar por meio dessas linguagens e da apropriação de espaços públicos até então dominados por outros usos. Evidenciam a relação entre subjetividades e territórios e favorecem a partilha de valores, sentimentos e a afirmação de identidades coletivas, entrelaçando dimensões afetivas, simbólicas e estéticas⁹.

No plano das intervenções profissionais com adolescentes e jovens em campos de atuação da terapia ocupacional social, esse reconhecimento pode levar a novas possibilidades de diálogo e ação, em especial junto àqueles que vivenciam processos excludentes. Ao creditar e promover o fortalecimento de protagonismos, novas formas de produzir inclusões, proteção social e exercício de direitos podem se instituir, em processos de afetação mútua e responsável técnica e politicamente, entre profissionais e adolescentes ou jovens. Assim, para ampliar sua compreensão e possibilidade

de ação, importa à terapia ocupacional conhecer a pluralidade de formas nas quais se podem reunir criação, reflexão e produção de autonomia, quando esta é entendida como possibilidade de instituir relações que, assegurando múltiplas interdependências, favorece a ampliação de oportunidades de exercer a agência sobre si e sobre o contexto social no qual se vive¹⁰. Em outras palavras, compreender experiências e interpretações de diferentes grupos e culturas, aqui tomando em consideração as juventudes, opera como importante ferramenta de trabalho.

O estudo cujos resultados serão apresentados a seguir buscou conhecer uma das vertentes que agrega coletivos juvenis da cidade de São Paulo: a cena dos *Sound Systems*^{*}, ou sistemas de som.

Os *Sound Systems* de reggae, focos do estudo, são originários dos guetos da Jamaica do final dos anos 1950 e se disseminaram pelo mundo, sendo até hoje caracterizados pelo formato de ocupações sonoras em espaços públicos, tendo como principais recursos os discos de vinil e as caixas de som empilhadas¹¹, em torno dos quais se reúne o público participante.

Embora os eventos do *Sound System* não fossem desde o seu início propagadores de mensagens de combate à opressão, a proposta de conscientização política da população negra e periférica, que vivia sob duras condições de vida desde o marco da escravidão, encontrou na música reggae uma aliada¹¹. A partir de letras e ritmos característicos da Jamaica, tópicos como espiritualidade, repatriação, repressão policial, identidade e autoestima¹² encontraram espaço em sessões de *Sound System* na Jamaica e, mais tarde, em várias localidades do mundo, ultrapassando as marcas da festividade e da competição – comuns entre os primeiros coletivos que os promoveram¹³.

Estima-se que na cidade de São Paulo existam atualmente dezenas de coletivos de *Sound Systems* ativos, sendo o Dubversão, nascido em 2001 na região da Lapa, o pioneiro na organização de sessões¹⁴. Em todos, a figura dos “*selectas*”, dos operadores de som e dos *toasters* se repetem, sendo esses atores fundamentais para a execução e configuração de uma equipe de sistema de som. Os “*selectas*” selecionam os discos de vinil a serem tocados nas sessões, os operadores manipulam a mesa de som modulando as frequências, e os *toasters* cantam rimas autorais sobre as faixas do lado B dos discos de reggae, que geralmente trazem versões com efeitos e com outro espaçamento rítmico, os “*dubs*”.

Os “*selectas*”, além de serem responsáveis por selecionarem os discos, escolhem as mensagens que deverão

* Adotaremos o vocábulo em inglês, mantendo sua forma original, tendo em vista que esta é mais usual na literatura e no contexto das produções culturais brasileiras.

ser transpostas para a realidade local da sessão, mobilizando o público a partir de intervenções espontâneas no microfone. A seleção de músicas não é aleatória, devendo se relacionar ao contexto social e político do momento, “*relatando a situação atual do velho pensamento em processo de franca decadência*”, conforme Bnegão¹⁵.

O objetivo do estudo desenvolvido foi conhecer a cultura *Sound System* como atividade realizada por parte da juventude moradora da periferia da metrópole paulistana, bem como suas repercussões nos cotidianos de jovens que participam de coletivos juvenis que a promovem.

METODOLOGIA

O estudo tem natureza qualitativa, de tipo descritivo e exploratório, envolvendo a reunião de trabalho de campo de inspiração etnográfica e entrevistas. Assim, os dados produzidos resultam da participação em eventos (também denominados de sessões ou festas) promovidos por diferentes coletivos de *Sound System* nas periferias da cidade de São Paulo durante 4 meses, bem como de entrevistas semiestruturadas realizadas com “*selectas*”, entre abril e junho de 2019.

O trabalho de campo apoia-se nas ideias de Magnani¹⁶ sobre a importância do “olhar de perto e de dentro” do pesquisador, identificando e, ao mesmo tempo, compartilhando os diferentes códigos de pertencimento que tornam possível que se perceba a totalidade do “pedaço” que, no caso dos eventos de *Sound System*, se constituem de modo sempre transitivo em distintos espaços físicos.

No processo que envolveu a aproximação gradual com os colaboradores do estudo para as entrevistas (2ª fase do estudo) pareceu importante dar lugar a alguns aspectos identificados na primeira fase, na qual se deu a imersão no universo cultural do *Sound System*. Desse modo, se optou por entrevistar “*selectas*” que atuam em diferentes coletivos, com diferentes características de composição, de regiões marcadas pelos maiores índices de desigualdade: os extremos da zona leste e da zona sul¹⁷. Dois desses coletivos são compostos exclusivamente por mulheres e, um deles, por mulheres negras. Embora estando em minoria na cena reggae da capital paulista, notou-se que vem crescendo o número de mulheres presentes nos coletivos e eventos do *Sound System*, o que motivou a opção por escutá-las.

As entrevistas, planejadas com base em orientações de Poupart et al.¹⁸, aconteceram em locais escolhidos pelos “*selectas*”, como residências, praças públicas e centros culturais. Foram gravadas em áudio digital.

Após sua transcrição, foi realizada análise de conteúdo por categorização temática, de modo a captar

repetições e singularidades com distinção de narrativas relevantes para o estudo¹⁹. A criação de subconjuntos subsidiou a construção de categorias que nos pareceram significativa para a análise dos dados, que reuniu, também, considerações provenientes dos registros das observações em campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada um dos 4 “*selectas*” entrevistados – representados por nomes fictícios extraídos da cultura reggae – está ligado a um coletivo: Norman (África Mãe do Leão); Carol (Aqualtune Sistema de Som); Martin (House Sounds) e Nancy (Natividade Sistema Sonoro). Além de suas atribuições regulares como “*selectas*” durante o evento, os entrevistados realizam atividades de manutenção do coletivo: organizam e divulgam atividades e eventos, bem como escrevem, submetem e acompanham projetos que trazem alguma sustentação financeira para a permanência das atividades do grupo.

A movimentação do *Sound System* na visão dos “*selectas*”: sonoridade, celebração e aprendizagem

Embora os temas do colonialismo, da injustiça social e da opressão sejam elementos centrais da música reggae^{20,12}, nem todos os grupos da cena paulistana atual o promovem da mesma forma. Na palavra dos entrevistados, a diversidade na cultura *Sound System* se expressa por meio de diferentes vertentes da música reggae – como o dancehall, o steppa e o roots – mas também nas variações da natureza política e militante dos grupos que a compõe. “Black music vinda da Jamaica... que fala sobre negritude, apartheid, racismo, desigualdade social... e só tem branco?”, indaga Carol sobre o que notou em sessões promovidas por alguns dos coletivos. Embora sejam populares e reconhecidos no cenário paulistano do Reggae, Carol questiona o sentido de seus eventos, afirmando que a identidade étnica deveria ser tomada como um valor central.

Sendo a ocupação de espaços públicos uma das principais marcas dos eventos de *Sound System*¹², as sessões são bastante evidentes aos passantes, seja em razão do empilhamento das caixas de som – que formam paredes sonoras – seja pela presença do público, ou ainda em razão da tonalidade distintivamente grave emitida pelas caixas, entre as quais se posicionam as potentes *scoops* (caixas com alto rendimento nos graves). Compõem também as sessões os corpos dançantes, em experiência imersiva. O estilo rítmico do Reggae, para os “*selectas*”, convida ao movimento. Nas palavras de Nancy,

(...) essa questão do Reggae focar muito no grave e no subgrave é, como eles dizem, as batidas do coração. Eles colocam tanta intensidade dentro dessa parte da música que ela vibra, literalmente, com as células do nosso corpo... que ela mexe com a nossa estrutura.

Ritmo e corpo encontram conexão nas palavras de Sodré²¹, que lembra que a música, mesmo desvinculada de um processo semântico, trafega por uma ampla gama de sentidos e produz matizes e matrizes contempláveis pela imaginação e passíveis de absorção pelo corpo. O autor afirma, ainda, que o ritmo é o elemento da música que mais expressa o seu pertencimento sociocultural, podendo atuar, por isso, na realimentação da potência existencial de um grupo, criando um espaço próprio e suscitando um imaginário específico. Para Sodré, “dança e ritmos vivem juntos” (p.17)²¹. Com base na apresentação da importância do ritmo nos espaços litúrgicos, afirma que essa relação atua como uma tecnologia de agregação humana.

Nos eventos, os “*selectas*” que entrevistamos usam o microfone e o toca-discos concomitantemente, reproduzindo faixas de discos de suas extensas coleções e verbalizando mensagens traduzidas das canções ou nelas inspiradas. Entre os entrevistados, sobretudo os mais adeptos da vertente *roots* - que preserva as raízes jamaicanas dos anos 60 e 70 operando elementos do movimento Rastafári - defende-se a importância do trabalho dos “*selectas*” sobre as letras das canções durante os eventos, com a explicitação de conteúdos e de sua contextualização histórica.

A contextualização, por sua vez, remete à valorização e à celebração da história e da cultura negra e, para Norman, esse é o elemento central do que considera ser a base da autodeterminação de uma pessoa, já que “*a partir do momento que você perde a sua cultura você tá vazio... e aí dá espaço para o sistema colocar o que ele quer dentro de você e fazer o que ele quer com você*”. Carol, em concordância, expõe o que pensa sobre a associação entre invisibilidade cultural e autodepreciação pessoal: “*(...) o racismo, ele opera de várias formas, e uma delas é acabando com sua autoestima*”. Em sua percepção, a mensagem transmitida pelo Reggae tem reflexo no fortalecimento pessoal e coletivo.

Além de executar essas funções, os “*selectas*” e suas equipes são responsáveis pela logística dos eventos, o que implica na realização de tarefas que antecedem e que sucedem as sessões, tais como obter autorizações do poder público, o cuidado com os equipamentos de som e com os discos, e a divulgação dos eventos. Desse modo, em destaque nos relatos

dos “*selectas*” estiveram presentes as responsabilidades típicas do papel que ocupam: realizar pesquisas que os levem ao conhecimento consistente do universo dos *Sound System* e do *Reggae*; dominar aspectos técnicos da utilização e manutenção dos equipamentos; oferecer segurança e qualidade sonora ao público e, em especial, instruir-se para produzir análises sobre as condições da população que vive atualmente nas periferias, a fim de transmitir mensagens coerentes com a realidade vivenciada por esse público.

Nas entrevistas, os “*selectas*” descreveram e atribuíram significados às suas ações, enfatizando o processo de aquisição de conhecimento como forma de atender ao objetivo de fazer das sessões um espaço de celebração da cultura reggae e de conscientização da opressão social sobre negros e pobres. Daí a necessidade exposta pelos entrevistados de que os “*selectas*” sejam igualmente capazes de trabalhar com a linguagem oral e a função narrativa das canções, tratando-as como fontes documentais de uma história de lutas, bem como com os elementos éticos, estéticos e comportamentais da cultura reggae. “*Não adianta você botar um som falando de positividade e no dia a dia ser um pilantra. Não faz sentido (...) O Reggae é o dia a dia*”, afirma Martin. “*Aprender e espalhar o conhecimento adquirido*”, afirmação de um dos entrevistados, resume o sentido atribuído por todos os “*selectas*” à sua atuação nos coletivos. Nas palavras de Carol, a ação do seletor se equipara a de um “educador”.

Nancy, indo nessa direção, afirma que aceitar o convite para ingressar no coletivo envolveu reflexão sobre as responsabilidades a serem assumidas e a necessária reorganização de seu cotidiano, especialmente pelo fato de que, além das sessões, o coletivo produz *workshops* teóricos e práticos gratuitos para jovens interessados em aprender a utilizar os equipamentos, sendo essa mais uma forma democrática de compartilhar seus conhecimentos, na sua visão.

Assim como Nancy, outros “*selectas*” apresentaram suas trajetórias pessoais nos coletivos, ressaltando a dedicação e os esforços que as marcam. A superação gradativa, ainda que não integral, dos problemas relacionados aos custos de equipamentos e discos – muitos deles com valores inacessíveis para esses jovens – compõem as narrativas que ressaltam, ainda, o alto custo da exigência de se tornarem colecionadores. Em vista disso, descreveram suas vidas com entusiasmo, salientando terem alcançado a realização de um projeto pouco provável entre jovens pobres que vivem sob dificuldades econômicas e sociais típicas dos extremos das periferias da cidade. Nessa direção, dois deles comentaram a importância de terem seus projetos aprovados em editais do Programa VAI*.

* Programa da Secretaria Municipal de Cultura do município de São Paulo que tem apoiado financeiramente - com modestos aportes e durante período limitado - as atividades artístico-culturais de grupos e coletivos iniciantes, compostos por jovens ou adultos de baixa renda.

Desde a compra dos primeiros discos e alto-falantes, ainda pouco potentes, passando pelas experiências iniciais do uso do microfone e chegando às possibilidades atuais de continuidade, todas as trajetórias são narradas com forte emoção ao expressar as dificuldades e soluções encontradas no caminho, dando ênfase, também, às transformações pessoais que acompanharam a aprendizagem e a expansão da vida por novos territórios vivenciais. Martin descreveu como o envolvimento com a cultura reggae o levou a desenvolver novas habilidades e a se dedicar a outras atividades, entre as quais as artísticas, especialmente por ser dele a função de elaborar os materiais de divulgação das sessões. Na mesma direção, apresentando a associação entre o *Sound System* e as novas possibilidades que se criou a partir dele, Norman fala de sua ligação de mais de 10 anos com a cultura reggae:

Eu descobri o potencial dessa ferramenta a partir do momento que eu comecei a operar essa ferramenta (...). Então, hoje, o sistema de som é a minha vida. Com ele eu movimento tudo na minha vida, desde coisas familiares quanto desejos pessoais... meu sonho de liberdade ...

Nas trajetórias desses jovens, duas perspectivas se associam, conforme também apresentaram Silva et al.²². Por um lado, a atuação nos coletivos de *Sound System* se assenta no desejo de disseminar a arte e a cultura reggae, com base na satisfação pessoal e na identificação com os valores difundidos, a despeito do retorno financeiro alcançado. Por outro, pode-se ver entrar em cena aspectos posicionados no debate sobre a profissionalização e a geração de renda no âmbito das práticas culturais, atravessados por questões que envolvem as perspectivas de futuro para a juventude das periferias, a confrontação da racionalidade que privilegia o desempenho e o sucesso individual e a interlocução crítica com o padrão estético dominante, que define o que tem ou não tem valor, conforme também discutiu Tommasi²³.

Ocupação dos espaços públicos em deslocamentos itinerantes: identidades em construção

Comum entre os entrevistados, a atuação na cena da cultura reggae é narrada como uma possibilidade de ultrapassar os limites de um espaço cotidiano imóvel e imobilizador. Para Norman,

(...) a periferia tem um campo de força que funciona como um catifeiro... que tampa as pessoas lá. As pessoas simplesmente não saem de lá. Nada prospera, mas ao mesmo tempo é pra lá que a gente volta todos os dias com todas as nossas dores. Então... aquilo conseguiu

*fazer minha mente viajar, e depois o meu corpo sair dali...
Conseguiu quebrar essa barreira.*

Na voz dos “selectas”, o termo periferia representa não somente as privações materiais, mas a ausência de oportunidades de desenvolvimento pessoal e coletivo, e um espaço no qual seus habitantes são tomados pela descrença no seu próprio valor. Fala-se de espaços geográficos nos quais preside a pobreza, mas também de territórios relacionais empobrecidos pela homogeneização, dos quais é necessário se libertar. Ao mesmo tempo, a periferia urbana é valorizada como espaço privilegiado de retenção da memória e da história daqueles que sofrem injustiças, e compreendida como um espaço com cultura própria, composta por um conjunto de símbolos e expressões que podem e devem ser fortalecidos.

Nancy, que está há pouco mais de 3 anos no coletivo, vê na movimentação que realiza entre territórios a raiz de transformações pessoais importantes. O contato com o outro - outras culturas, outros ritmos cotidianos, outras oportunidades que existem nesses territórios - trouxe novos conhecimentos, interesses e leituras do mundo. Assim, “a visão sobre o seu [próprio] território muda”, diz ela. Na nova perspectiva da cidade que se abriu, as diferenças sociais e culturais foram compreendidas como parte de uma totalidade em interação, constituída por meio da experiência com o diferente:

Eu já consegui tocar em todas as zonas de São Paulo e no interior. Então, pra quem é seletor, a gente tem essa experiência de descobrir novos lugares. E pra quem é público também, porque a gente vai e conhece outros lugares, a gente conhece a diferença das outras pessoas, em outras regiões, outras realidades, outras formas das pessoas falarem..., todo o contexto de vida delas é diferente. E você vê que tudo isso acontece dentro de São Paulo!

Na transposição para outros espaços geográficos parece se construir um campo de percepções no qual o conhecimento de si e do outro se define pela compreensão da relação que estabelecem entre si. Do mesmo modo, oprimidos e opressores ganham lugares dentro de uma nova racionalidade das interações, em consonância com a cultura reggae, que denuncia a opressão racial e as desigualdades. No acesso a outros ambientes, afirma Norman, pode-se “(...)ver o mundo funcionar totalmente diferente” e, assim, adquirir “um bom parâmetro pra analisar as coisas”.

Em seu modo de ver, assim se pode descobrir que existe um “inimigo grande”, pois o lugar que se ocupa no mundo “não é por acaso”. A gratuidade de parte dos eventos é reconhecida como um aspecto central para favorecer esse

trânsito, conforme declara Carol, já que “*muitos não têm dinheiro pra pagar a entrada de algum rolê, mas usam os rolês gratuitos que têm na quebrada pra estarem presentes e pra irem pra outros lugares*”.

Na perspectiva dos “*selectas*”, as experiências individuais e coletivas de apreensão das mensagens de luta e resistência do mundo do Reggae - que se propagam nos eventos não apenas por meio das letras de músicas, mas em especial por meio da voz dos “*selectas*” – são atravessadas por reflexões que encarnam processos de mudança e construção identitária, como afirma Carol, narrando sua própria história:

Com o tempo, comecei a me identificar mais. Tanto que, quando o Kebra Ethiopia [coletivo da África do Sul] veio, em 2014, foi o ano que eu resolvi cortar o meu cabelo..., cortar a parte que eu alisava desde os 6 anos de idade. Dentro do Reggae eu conheci pessoas que me passaram visões sobre o embranquecimento. Então, junto com a sessão do Kebra, as mensagens no mic do ‘África Mãe do Leão’, as traduções das músicas que postavam no facebook, tudo isso me mostrou que eu sou uma mulher preta. Foi aí que descobri a minha identidade.

A ocupação de um espaço público, bem como a especificidade do repertório reggae, promove o encontro entre aqueles que já partilham de interesses comuns, mas também se atenta aos iniciantes. Nas festas de *Sound System*, conforme os entrevistados, é possível que novos participantes, em especial os jovens negros, se aproximem e se encontrem gradualmente com suas raízes ancestrais. A ligação se intensifica com o tempo, afirmam. Assim, o conhecimento da história da diáspora negra, para os entrevistados, opera na conscientização de um sujeito que, por meio de referências identitárias, se fortalece e se emancipa. “*O Sound System é libertação*”, diz Carol, “*é Black liberation*”. Nessa direção, as entrevistas foram pontuadas por relatos pessoais de transformação, que expuseram a descoberta de forças que operam na constituição de si. E geram, conforme também apontaram Takeiti e Vicentin⁴, processos de subjetivação nos quais, por meio da territorialização, o estigma do jovem negro, periférico e pobre dá lugar ao orgulho de ser da periferia e atuar na resistência às opressões, em busca da libertação. Importa lembrar que o acionamento identitário pela arte e pela cultura nas periferias está integrado a um debate mais amplo, cuja problematização envolve as políticas de afirmação identitárias, atualmente discutidas a partir de

olhares e vertentes distintas de interpretação, entre as quais se encontram as que questionam seu potencial emancipado^{24,25}.

“*Tudo o que eu vi, em contexto com a música que eu já ouvia, ajudou a formar o meu corpo. O Reggae, ele meio que trouxe um ‘pedaço’ da minha história que me faltava, me dando orgulho e autoestima*”, diz um dos entrevistados. A origem étnica e a história familiar costuraram os nexos entre seu passado, presente e futuro, diz ele. Quebrar a cadeia do sofrimento familiar dá sentido à sua atuação como seletor:

Só o fato de você [como jovem negro da periferia] estar aqui, depois de tudo o que já aconteceu, já é um fato emocionante (...) Por exemplo, a minha mãe, os meus avós, os meus bisavós trabalharam demais. E todos eles da mesma maneira. Então, eu me cobro muito de fazer meu trabalho com a arte e com algo que eu acredito, por conta de que alguém já sofreu por mim. Então, na minha cabeça eu não tenho que sofrer igual, eu tenho que dar o próximo passo (...).

Embora sendo matéria essencial das narrativas as transformações pessoais, os “*selectas*” atribuem um sentido coletivo às suas ações, a partir da cultura reggae. “*Movimentar a quebrada*”, como dizem, se conecta ao desejo de difundir valores e conscientização sobre a questão racial e social.

Vozes femininas no *Sound System*

As seletoras entrevistadas se manifestaram sobre a predominância de homens na cena reggae e como tem sido viver nesse meio como mulher. Suas narrativas focam na vontade de ver ampliada a presença feminina entre os participantes das sessões e dos coletivos de *Sound System*, bem como suas iniciativas nessa direção.

Carol associa seu processo de reconhecimento identitário, de gênero e étnico, com o despertar de um desejo:

“(...) Tive na mente: já pensou ter um coletivo, um sistema de som, só de mina preta? Mas até então era utopia, eu sou de quebrada..., colecionar disco? Mano, não tenho dinheiro pra isso.”

E segue relatando sua história com foco na superação dos obstáculos: foi após ter buscado informações sobre a cultura reggae com pessoas mais experientes que conseguiu

elaborar seu primeiro projeto para concorrer ao edital VAI. E o tema da desigualdade de gênero no Reggae tomou forma no plano de criação de um coletivo composto exclusivamente de mulheres negras.

“O ‘Mulheres pretas no controle’ tinha o objetivo de iniciar um sistema de som e fomentar a cultura para Itaquera”, diz ela. Interessa, segundo afirma, chegar naquela pessoa do público que passa por um processo de transformação, mas que “ainda não se empoderou, ainda não tem uma visão sobre o racismo”.

Mas *“dentro do Sound System ainda tá faltando muita mulher que tenha vontade de aprender mais”,* lamenta Nancy. Para ela, esse é um problema estrutural, já que muitas periferias contam com muitos artistas que não descobriram seu talento e não tiveram oportunidades para isso. Para ela os jovens atualmente não conseguem desenvolver confiança *“para meter as caras e apresentar o próprio trabalho.”*

Além disso, Nancy reconhece na condição feminina, marcada pela maternidade e a jornada de trabalho associada ao trabalho doméstico, um dos fatores que limita a participação de mulheres na esfera da produção cultural. No workshop de “elétrica para mulheres”, diz Nancy, o grupo rompe com noções que restringem algumas atividades às mulheres e traz a elas experiências como *“pegar peso, subir lá em cima [das caixas]”* e *“não ficar dependendo de um homem para fazer as coisas”*. Para as mulheres suas palavras são sempre de incentivo ao desenvolvimento de seu potencial: *“Vai atrás do conhecimento, arrisca, dá as caras! Se vai dar certo ou não? Não sei, põe fé, né? Mas vai..., tenta!”*

Nancy também afirma ser frequente que os homens interroguem o conhecimento das mulheres que atuam nos coletivos, já que as subestimam, o que converge com achados de outros estudos que abordam a presença de mulheres em ambientes culturais predominantemente masculinos^{26,27}.

Um fenômeno que tem se tornado mais frequente, conforme as entrevistadas, é a formação de grupos femininos para ir às sessões de *Sound System*, já que o deslocamento individual das mulheres pode ser difícil. *“Os homens, eles colam em peso. Mas mulher tem toda uma logística para ir para o Reggae. Tem evento que não tem um acesso tão fácil, que é perigoso..., então eu não vou deixar essa mana subir esse morro sozinha”*, afirma Carol, ao comentar sobre a construção de redes de solidariedade construídas muitas

vezes virtualmente, por meio das páginas do evento em redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Sound System*, apresentado pelos entrevistados enquanto um movimento que identifica pontes entre a realidade negra jamaicana e as “quebradas” de São Paulo, foi realçado pelo seu objetivo de ser um instrumento de formação e fortalecimento crítico e identitário, unindo a celebração da cultura negra e a crítica social. Nessa direção, a aposta se constrói em torno do resgate da história e dos poderes agregadores da memória, da sonoridade, e de símbolos e mensagens da cultura reggae, ainda que haja diferenciação de ênfases entre os coletivos. A ocupação dos espaços públicos para a realização dos eventos incorpora, ainda, a afirmação do direito à cidade e a resistência à lógica mercantilista de sua utilização.

Particularmente nas entrevistas com os *“selectas”*, foi evidenciada a sua possibilidade de produzir mudanças em trajetórias biográficas de jovens das periferias, além da ampliação de circuitos de presença e de pertencimento, por meio do protagonismo narrativo em territórios e espaços expandidos. Atuando nos coletivos de *Sound System* esses jovens produzem novas representações do espaço e de si, ao passo em que produzem valores e bens culturais.

Para alguns jovens, essa participação também abre oportunidades de expansão do seu repertório de aprendizados, ao serem estes fortemente atados à produção de sentidos para a existência cotidiana. Uma existência que, como afirmam, se propõe a resistir à força encarceradora dos estigmas e às violências materiais e simbólicas que os cercam, assentada em concepções reunidas sobre a negritude e o universo das periferias, por onde também podem fluir alguns elementos mais específicos do movimento Rastafari.

Assim, pensamos que embora o estudo tenha limitações em sua dimensão e aprofundamento, a apresentação de uma das formas de coletivização juvenil situada nas franjas da sociabilidade hegemônica, pode favorecer o acesso às sensibilidades juvenis, suas configurações em ato e seus rebatimentos na esfera da participação social. Ademais, ajuda a promover a visibilidade da heterogeneidade da categoria juventude, sendo esse um reconhecimento essencial para o desenvolvimento de boas práticas profissionais junto a adolescentes e jovens de camadas populares.

REFERÊNCIAS

1. Silva MJD, Oliveira ML, Malfitano APS. O uso do espaço público da praça: considerações sobre a atuação do terapeuta ocupacional social. *Cad Bras Ter Ocup.* 2019;27(2): 438-47. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoRE1746>
2. Lopes RE, Borba PLDO, Monzeli GA. Expressão livre de jovens por meio do Fanzine: recurso para a terapia ocupacional social. *Saúde Soc.* 2013; 22(3): 937-48. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000300027>
3. Alves HC, de Oliveira NP, Chaves AD. “A gente quer mostrar nossa cara, mano”: hip hop na construção de identidade, conscientização e participação social de jovens em situação de vulnerabilidade social. *Cad Bras Ter Ocup.* 2016; 24(1):39-52. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0637>
4. Takeiti BA, Vicentin MCG. Jovens (en) cena: arte, cultura e território. *Cad Bras Ter Ocup.* 2016; 24(1): 25-37. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0667>
5. Silva CR, Lopes RE. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. *Cad Bras Ter Ocup.* 2009;17(2):87-106.
6. Pais JM. *Culturas Juvenis.* 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda; 2003.
7. Freire Filho J. *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano.* Rio e Janeiro: Mauad Editora; 2007.
8. Scherer GA. Ponto de Partida ou de Chegada? Reflexões em torno da construção do Estatuto da Juventude e os desafios à sua implementação. In: Perondi et al, organizador. *Infâncias, adolescências e juventudes na perspectiva dos direitos humanos: onde estamos? Para onde vamos?* Porto Alegre: EDIPUCRS; 2018.
9. Dayrell J. Juventud, grupos culturales y sociabilidad. *Rev Estud Juventud.* 2005;1(22):128-147.
10. Kinoshita, RT. Contratualidade e reabilitação psicossocial. In: Pitta AMF. *Reabilitação psicossocial no Brasil.* São Paulo: Hucitec; 1996.
11. Cardoso, MA. *A magia do reggae.* São Paulo: Martin Claret; 1997.
12. Farias TRP, Costa JH. Da Jamaica ao Brasil: por uma história social do reggae. *Rev Contribuciones Cien Sociales.* 2016. <http://www.eumed.net/rev/cccss/2016/01/reggae.html>
13. Katz D. *Solid Foundation: an oral history of reggae.* 2nd ed. Jawbone Press: London; 2003.
14. Peixoto A. Grave na caixa! O Sound System de Kingston a São Paulo [documentário]. 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-7cZHHGw0Rk&t=67s>
15. Bnegão e os seletores de frequência. *Enxugando gelo [música].* 2003. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ad_iwSaFDLM
16. Magnani JGC. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Rev Bras Ci Soc.* 2002;17(49):11-29. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>
17. Rede Nossa São Paulo. *Mapa da Desigualdade, 2018.* Disponível em: https://www.cidadessustentaveis.org.br/arquivos/mapa_desigualdade_2018_completo.pdf.
18. Poupart J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: Poupart, J, et. al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.* Petrópolis: Vozes; 2008.
19. Minayo MCS. *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.* Ciên Saúde Colet. 2012;17(3):621-626.
20. Silva CBR. *Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural.* São Luís: EDUFMA; 1995.
21. Sodré M. *Cultura, corpo e afeto. Dança.* 2014;3(1):10-20. <https://doi.org/10.9771/2317-3777danca.v3i1.13161>
22. Silva CR, Silvestrini MS, Prado ACDSA, Cardinalli I, Lavacca AB, Vasconcelos DI, Mancini MALT. Economia criativa na relação entre trabalho e cultura para a juventude. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo.* 2018;29(2):120-8. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v29i2p120-128>
23. De Tommasi L. *Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político.* Política Soc. 2013; 12(23):11-34. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2013v12n23p11>
24. Sansone L. O sucesso e a crise da onda identitária no Brasil. *Rev Antropol.* 2020;63(3):e178846. <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2020.178846>
25. Silva ACCD, Cirqueira D, Rios F, Alves ALM. Ações afirmativas e formas de acesso no ensino superior público: o caso das comissões de heteroidentificação. *Novos Estud CEBRAP.* 2020;39(2): 329-347. <https://doi.org/10.25091/s01013300202000020005>
26. Weller W. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Rev Estud Fem.* 2005;13(1):107-26. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100008>
27. Facchini R. “Não faz mal pensar que não se está só”: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. *Cad Pagu.* 2011;(36):117-53. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000100006>

